

INTERLÚDIO DA MULHER MORTA

Ana Maria de Almeida

«Em silêncio,
o rio carrega sua fecundidade pobre,
grávido de terra negra»

João Cabral de Melo Neto

Que ponto de contacto existe entre mim e a mulher boiando, que eu vi, eu vi — no rio? Que ponto, estranho ou não, existe de união entre meu destino feito de pedras e flores secas ordenadas e o dela, destino, desfeito sobre pedras?

Algo negro que se alonga de sua pele há séculos e se expande para a brancura de meu corpo exposto ao sol. Algo escuro que eu não previ e que me prende, sem janelas, no meu próprio enlaço. As pacientes tramas de meu encontro comigo mesma: milhares de anos mais velha, eu, que eu mesma, retrato do meu próprio fóssil, da esfinge que se finge viva, e morta, no fundo do espelho.

Que eu não previ... A manhã era simplesmente domingo naqueles tempos. Sem expectativa, o sol brilhava devagar nos desvãos das nuvens ligeiras. O primeiro que descobriu o corpo teria visto de relance um braço, um trecho de pernas nuas, a trouxa de umas roupas, um pedaço de rosto nas nesgas dos cabelos molhados. «— Eh, gente, que lá morreu uma...» E a multidão ajuntando-se no ponto para onde eu vinha, fluindo também...

Eu, de há séculos, esperando o cadáver que boiava solene nas águas sujas? Remotamente: condenada a uma expectativa sinistra de apenas um corpo boiando, que engravidou de morte o meu domingo.

Que eu vi! Do alto da ponte, mais do alto de mim mesma, como de uma janela aberta — não de dentro, mas de fora — para o espetáculo de um corpo lento, deslizando calmo e sem pressa, alheio a todo plano ou negócio. . . A mulher morta explodiu no meu domingo. Gritos saudaram sua passagem, um galho serviu para içá-la, provisória e definitiva, plantada na margem que o soldado guardava. Guardando e aguardando, o soldado e a mulher morta. Somente assim: sem como nem quando. Que se escute o rosto do silêncio: se morte e vida correm do mesmo corpo, como rio, sem fim. Inguardáveis e inaguardáveis, fluxos da mesma maré. Rosto-esfinge, de silenciado enigma.

(Hoje, escuta, procurei a notícia de tua morte nos jornais, algo no teu registro que me desse a razão de tua presença compacta. Um retrato, um riso no parque, uma conversa de esquina. . . qualquer coisa: um gesto, um nome. Me espantei: os jornais mentem em datas, falsificam números. . . Por cima de meu ombro, tu me olhas do espelho.)

A mulher morta que arrastaram para um monte de pedras guardado por um soldado impassível ante o domingo cheio de curiosos. Indiferentes, os dois, no centro do palco, no meio da música, esperavam sem nenhuma pressa. Ela estava lá: apenas e tanto. Entre o duvidoso amarelo de minha miopia e o azul da minha náusea, a pele das pernas brotava do vestido desbotado. Os braços, parados no movimento que lhes deram, seguravam nada e tudo.

(Estavas inchada na tua gravidez de águas, e eu sabia tudo de repente: fomes, torturas, tumultos na cortina frágil e fácil dos risos. Eu sabia tudo de repente: do teu ventre enorme e podre é que rebrotam, necessários, mendigos sem nome às nossas portas, crianças sem mãos e infância, incendiários, bombas, misérrimas desconhecidas, amor irmão de solidão. . .)

Ela estava lá: minha irmã, que veio boiando através de uma noite infinita, o sólido cadáver na ondulação que olhos suaves viram e não viram que ela vinha e sob pelas águas, piedosa — um corpo. (Imensa, como um mundo dentro de si mesmo, a me-

mória de teu corpo vigoroso espadanando águas, teu corpo-peixe, teu corpo-ágil...) São tudo horas de outras horas. Meu olhar e ela: apenas coisas que apodrecem.

A minha irmã que veio num ritmo lento e desgostoso para o cansaço de meu olhar olhando o medo no escuro velado de suas pálpebras descidas.

(Escuta, para o meu medo o teu segredo de como meus passos e planos são como um rio de repente mais que águas sob pontes e casas perto. De como a tua vinda revelou o que tu e eu fazemos fluir enganosamente no escuro dos juncos e dos limos).

Espetáculo perdido! Que infinidade de relações o corpo da mulher morta não veio tecendo pelos frios caminhos, dias e noites! «— Me aperta mais, que me veio um calafrio!» As vozes todas, alegres, das casinholas, as luzes de olhos abertos, não vendo e não ouvindo por sobre apenas aquele corpo que o rio portava, o mais imponderável peixe. As palavras que ecoaram dispensando respostas pelo teto de nuvens e trevas da cabeça apontando entre ondulações de espumas. Alguém, da margem, atirou-lhe restos de comida, lixos, que tocaram sua boca estourando já, em seus limites de pele e ossos. Seus cabelos líricos, já sem pressa, estendidos — como antes ao vento nas águas que o rio lava e leva...

As mãos abertas tocaram as margens, apenas por graça leve, e, desistidas de apoio e aceno, lá se foram.

A mulher morta no meu olhar cansado, de quem descobriu que não há mais domingos nem sétimos dias. A mulher morta espantava os domingos, por isso a multidão (reunida pelo milagre de tua morte) ansiava, sem saber, que se ultimasse o próximo ato, que uma cortina piedosa separasse a morte passando da vida se indo e ida. (Por isso se riam tanto, esticavam os pescoços e apontavam com o dedo em riste a dobra de tua perna e o sapato que continuou boiando para um esgoto qualquer, ou para o mar, não sei...)

A mulher morta espantava o domingo, apesar de tanto sol. «— Será que a polícia não vem nunca? Não levam mais ela?» Na agitação devoravam com os olhos a mesma cena do corpo imóvel e o soldado firme — o mesmo quadro imoto e aborrecida-

mente imutável. (Tu é que os contemplasses lá debaixo, palco invertido? Quem sabe para teu divertimento te olhássemos, oferecida como mercadoria rara.)

Ao meu lado, um homem ergueu para o alto do gradil, um menino aflito que não avistava o monte de pedras, no meio daquela multidão de pernas. (O menino fascinado e quedo no desvã da tua imobilidade, com vontade, de repente, de voltar para casa. Tu bem que viste, eu entendi. Me ofereceram pipocas, insinuan-tes, balas com insistência — no ritual de tua presença. Tu bem que viste. . .) E as buzinas abriam passagens festivamente, depois que foram satisfeitas todas as curiosidades públicas e todas as humanas consternações.

(E lá ias, irmã, para sempre libertada de tudo que te fizera ramo ou pedra, flor ou máquina, insolitamente, até que te crucificaram no monte de pedras, dobrada sobre ti mesma. . . E eu te recriarei, eu disse — no sétimo dia! Pela marca dos sempre nascendo e vivendo por sobre um rio sujo, que deixaste em minha pele. A mulher morta no meio dos risos da multidão, enfeitada de limo, pintada de lama. E por que não te matar também em todas as mulheres?)

E lá ia, o corpo. Não mais máquina-flor, pedra-dor, não mais nem menos — ele restrito, para sempre. Um corpo vindo de sujos detritos, cuspes, vermes, a multidão de podres que a vida expele — e que não se limpa nunca. Ela, a expelida, como raiz solta se indo mais e mais, desprendida de tudo.

Desprendida de tudo: algo negro que se alonga de tua pele há séculos para a brancura de meu corpo exposto ao sol, sem janelas.